

#cm
2

QUARTA-FEIRA

Branka e Velha
Guarda da
Portela cantam
Clara Nunes

PÁGINA 4



Dori Caymmi
lança álbum
de canções
inéditas

PÁGINA 5



Vicente do
Rego Monteiro,
um multi-
artista

PÁGINA 7



Um ano depois da primeira vitória internacional de 'Ainda Estou Aqui', sua estrela regressa ao Lido, onde iniciou a corrida do filme ao Oscar, agora como jurada



MOSTRA INTERNAZIONALE
D'ARTE CINEMATOGRAFICA
LA BIENNALE DI VENEZIA

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Coroada com 54 laúreas internacionais e uma bilheteria estimada em US\$ 36 milhões, a rota da vitória que conduziu "Ainda Estou Aqui" (hoje no Globoplay) ao Oscar começou exatamente há um ano, no Festival de Veneza, evento italiano para onde a estrela do filme de Walter Salles regressa nesta quarta-feira, agora como jurada.

Em 2024, a adaptação do romance biográfico de Marcelo Rubens Paiva sobre sua mãe, Eunice, advogada e ativista, saiu de lá com o prêmio de Melhor Roteiro, em 7 de setembro ano passado. Em janeiro, Fernanda ganhou o Globo de Ouro, das mãos de Viola Davis, e naquele mesmo mês foi indicada à estatueta da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood pelo longa-metragem que vendeu 5,8 milhões de ingressos em terras nacionais.

Continua na página seguinte

Era uma vez em
Veneza...

Rugidos

na cidade das gôndolas



Prestes a rodar “Os Corretores”, do diretor carioca Andrucha Waddington (seu companheiro), Fernanda integra o júri do Leão de Ouro de 2025 ao lado da atriz chinesa Zhao Tao, da diretora italiana Maura Delpero e de mais três cineastas: o francês Stéphane Brizé, o romeno Cristian Mungiu e o iraniano Mohammad Rasoulof. Completa essa claqué de artistas o realizador americano Alexander Payne (de “Os Rejeitados” e “Nebraska”), que preside o coletivo.

Logo que foi indicada para o Oscar, Fernanda conversou com o Correio da Manhã sobre a força simbólica de “Ainda Estou Aqui” para a população brasileira e sua arte: “Fui só alegria no roteiro, porque fiquei muito impressionada com a capacidade que (os roteiristas) Murilo (Haurser) e Heitor (Lorega) tiveram para escolher, naquele livro imenso do Marcelo, um corte que pula 26 anos e depois pula mais dez. É muito difícil. O trabalho da gente foi ajustar a Euni-ce na passagem da primeira fase para a segunda,

para que a segunda tivesse uma razão de existir. Acho que o trecho mais difícil de acertar – que foi para lá, foi para cá, teve mil retornos – foi a segunda parte, ali em São Paulo, onde ela recebe o atestado de óbito do Rubens”.

Kleber Mendonça Filho, diretor pernambucano premiado em Cannes com “O Agente Secreto”, que pode ser a nossa escolha para o Oscar 2026, integrou o júri veneziano de 2024, sob a liderança da atriz francesa Isabelle Huppert. Este ano não há longas brasileiros no certame, que tem como um de seus principais chamari- zes a comédia dramática da Netflix “Jay Kelly”, na qual George Clooney vive um astro em crise ao lado de um agente abilolado, interpretado por Adam Sandler, num desempenho que, para muitos, é um convite a prêmios. A principal aposta para o Leão é “Frankenstein”, de Guillermo Del Toro, com Oscar Isaac e Jacob Elordi.

Para a abertura do festival, o curador artístico convocou a prata da casa, Paolo Sorrentino, que ganhou o Oscar em 2014 com “A Grande Beleza”. O cineasta e seu ator fetiche, Toni Servillo, voltam agora com “La Grazia”. É uma história de amor ligada à esfera política.

Veneza termina no dia 6 de setembro, com a premiação.

OS FILMES SELECIONADOS PARA O FESTIVAL

- “La Grazia”, Paolo Sorrentino (filme de abertura)
- “O Mágico do Kremlin”, Olivier Assayas
- “Jay Kelly”, Noah Baumbach
- “A Voz de Hind Rajab”, Kaouther Ben Hania
- “Uma Casa de Dinamite”, Kathryn Bigelow
- “Ri Gua Zhong Tian” (“O Sol nasce sobre todos nós”), Cai Shangjun
- “Frankenstein”, de Guillermo Del Toro
- “Elisa”, Leonardo di Costanzo
- “À Pied d’Oeuvre”, Valérie Donzelli
- “Amigo Silencioso”, Ildikó Enyedi
- “O Testamento de Ann Lee”, Mona Fastvold
- “Pai, Mãe, Irmã, Irmão”, Jim Jarmusch
- “Bugonia”, Yorgos Lanthimos
- “Duse”, Pietro Marcello
- “Un Film Fatto Per Bene”, de Franco Maresco
- “Órfão”, László Nemes
- “L’Étranger”, François Ozon
- “Eojeol Suga Eopda” (“Sem Outra Escolha”), Park Chan-wook
- “Sotto Le Nuvole”, Gianfranco Rosi
- “Coração de Lutador: The Smashing Machine”, Benny Safdie

Toni Servillo em ‘La Grazia’, de Paolo Sorrentino, que inaugura a premiação nesta quarta



Fotos: Divulgação

George Clooney em ‘Jay Kelly’



‘Frankenstein’, de Guillermo Del Toro



‘Pai, Mãe, Irmã, Irmão’, de Jim Jarmusch



‘O Sol Nasce Sobre Todos Nós’, de Ri Gua Zhong Tian





Por Rodrigo Fonseca
Especial para Correio da Manhã

Prestes a finalizar uma ficção rodada na Irlanda com as irmãs Kate e Rooney Mara, chamada “O Vale Imaginário”, o cineasta alemão Werner Herzog receberá no fim desta tarde um prêmio honorário na cerimônia que dará a largada para o 82º Festival de Veneza, na Itália, celebrando sua carreira, sua coragem... sua loucura. A alcunha de “louco” lhe foi atribuída ao longo das peripécias quase suicidas para filmar títulos como “Fitzcarraldo” em solo amazônico (com José Lewgoy e Grande Otelo), que lhe rendeu a láurea de Melhor Direção em Cannes, em 1982.

Em parte, a fama veio também por seu fascínio por personagens que vão além dos desígnios da lucidez, como “O Homem-Urso”, que repaginou a carreira do diretor, há 20 anos, ao tratar de um ativista florestal devorado vivo pelas criaturas que protegia. É Francis Ford Coppola, diretor de “O Poderoso Chefão” (1972), quem entregará a honraria ao amigo germânico, nascido em Munique, há 82 anos. No Lido (o espaço onde o evento acontece na terra das gôndolas), Herzog estreará seu novo documentário, “Ghost Elephants”, sobre a busca por uma manada em uma região praticamente desabitada das terras altas de Angola, que é tão grande quanto a Inglaterra. A projeção será fora de competição – que começa nesta quarta, com “La Grazia”, de Paolo Sorrentino – seguida de uma masterclass.

“Existe a ordem racional e existe a natureza. O cinema é algo que interponho entre esses dois extremos”, disse Herzog ao Correio da Manhã em Cannes, em 2019, numa palestra ao lado da atriz Julianne Moore e do diretor e ator Xavier Dolan. “Existe um mundo lá fora, sem regras da

Fotos: Divulgação



Um complexo alemão

Festival de Veneza concede prêmio honorário a Werner Herzog, diretor que testou os limites da loucura e fez da Amazônia alvo de sua poética

moral, distante dos dispositivos do processo artístico, onde as pessoas vivem em ambientes muito diferentes do que qualquer contingência da razão possa definir. Eu saio a campo, com a câmera na mão, em busca dessas práticas de viver, a fim de conhecê-las, mas não de dominá-las. Faço cinema desde o tempo em que só festivais absorviam práticas como essa. Hoje, há mais diversidade, mas o risco ainda instiga”.

Quando o prêmio veneziano foi anunciado, o diretor artístico do festival, o curador Alberto Barbera, declarou: “Cineasta físico e caminhante incansável, Werner



‘Ghost Elephants’, obra mais recente do realizador alemão, será exibido fora de concurso no Lido

Herzog atravessa constantemente o planeta Terra em busca de imagens até então inéditas, testando nossa capacidade de olhar, desafiando-nos a compreender o que está além da aparência da realidade e sondando os limites da representação cinematográfica em uma busca incansável por uma verdade mais elevada e extática e por novas experiências sensoriais. Estabelecendo-se como um dos principais inovadores do Novo Cinema Alemão com filmes como ‘Sinais de Vida’, ‘Nosferatu, O Vampiro da Noite’, ‘Aguirre, a Cólera dos Deuses’, e ‘Vício Frenético’, ele nunca deixou de testar os limites da linguagem cinematográfica, contrariando a distinção tradicional entre documentário e ficção e, ao mesmo tempo, propondo uma investigação radical dos temas da comunicação, da relação entre

imagens e música e da beleza infinita da natureza e sua inevitável corrupção. A carreira de Herzog é fascinante e arriscada, pois envolve comprometimento total e exposição pessoal a riscos físicos, onde a catástrofe está sempre à espreita. Brillante narrador de histórias incomuns, Herzog é também o último herdeiro da grande tradição do romantismo alemão, um humanista visionário e um explorador incansável”.

O discurso de Barbera se assemelha ao que Herzog ouviu de Cannes, em 2017, ao receber o troféu honorário Carroça de Ouro, na mostra Quinzena de Cineastas, por sua filmografia, que abordou o Brasil ainda em “Cobra Verde”, de 1987. Ruy Guerra, diretor moçambicano radicado no Rio, foi seu parceiro de trabalho mais de uma vez.

Werner Herzog: ‘Faço cinema desde o tempo em que só festivais absorviam práticas como essa. Hoje, há mais diversidade, mas o risco ainda instiga’

Há tempos, Los Angeles virou a base de operações de Herzog, onde ele leciona, escreve livros e dirige majoritariamente documentários, como “Encontros no Fim do Mundo” (2007), sobre a Antártica, que lhe rendeu uma indicação ao Oscar. Suas expedições planeta adentro são festejadas pela crítica. Sua geografia de risco foi objeto de uma exposição, realizada em 2023 na Deutsche Kinemathek, a cinemateca da Alemanha, em Berlim. Tratava-se de uma coleção de desenhos, objetos e, sobretudo, fotos que mapeiam toda a trajetória dele pelas telas, com destaque para sua passagem por Manaus, nas filmagens do já citado “Fitzcarraldo”. Retratos de Claudia Cardinale e de seu ator assinatura, Klaus Kinski (1926-1991) estampam as paredes do chamado Museu do Filme berlinense. Tem até um rato empalhado (ou talvez seja um boneco, pos ninguém da curadoria confirmou o que era) que acompanhou Kinski em suas noites como vampiro na versão que Herzog fez de “Nosferatu”, de Murnau, à sua maneira autoralíssima, em 1979. Complexo, para o alemão, é o mistério da mente humana.

“Eu já consegui extrair de atores como Nicolas Cage atuações bem-humoradas que te fazem sentir diante de uma comédia com Eddie Murphy, aquelas boas, hilárias, dos anos 1980, mas já consegui fazer com que pessoas sem qualquer experiência teatral se abrissem para a atuação, só focando no que a condição humana tem de mais simples, de mais corriqueiro”, explicou Herzog ao Correio da Manhã em Cannes, há quatro anos, ao lançar “Uma História de Família”, uma de suas raras ficções nas últimas duas décadas. “É preciso saber observar a Natureza. Os espetáculos todos brotam da Natureza”.

Uma eterna referênciã

Branka recebe a Velha Guarda da Portela para reverenciar Clara Nunes em apresentação única no palco do Teatro Riachuelo

Por Affonso Nunes

Nesta quarta-feira (27) o Teatro Riachuelo Rio recebe o show “Branka canta Clara convida Velha Guarda da Portela”. A apresentação marca uma homenagem no mês de nascimento de Clara Nunes, exaltando sua conexão com a escola de samba que ela amava e ajudou a divulgar mundialmente.

Branka conduz o espetáculo revisitando clássicos como do repertório de Clara como “O Mar Serenou”, “Conto de Areia” e “Nação”. O projeto tem direção musical de Carlinhos 7 Cordas e roteiro de Túlio Feliciano, que costura a narrativa com delicadeza e resgate histórico. “Cantar Clara é sempre uma missão de alma. Fazer isso no mês do seu aniversário, ao lado da Velha Guarda da Portela — que representa as raízes que



Divulgação

Branka celebra o legado de Clara Nunes

ela tanto amava — é como se eu pudesse abraçar sua memória em forma de canto”, diz Branka.

Desenvolvido desde 2013, o projeto já passou por importantes palcos do Rio e outras cidades. Em cada edição, Branka amplia a abordagem sobre o legado de Clara, destacando não só o aspecto musical, mas também a força espiritual e cultural que a artista representou como mulher (muito) à frente de seu tempo.

Além do show, Branka está envolvida na produção de documentário com o cineasta Márcio Freitas sobre a intensa relação da cantora com o Japão, onde é reverenciada como embaixadora do samba. O filme, com estreia prevista para dezembro nos cinemas japoneses.

SERVIÇO

BRANKA CANTA CLARA
Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio, 38, Cinelândia)
27/8, às 20h
Ingressos a partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Uma nova versão

Rubel e Marina Sena lançam “Carta de Maria”, uma parceria que mescla MPB e pop. A faixa, produzida por Rubel e Gabriel Duarte, samplea trechos dos álbuns “Beleza. Mas agora a gente faz o que com isso?” e “Coisas Naturais”. A letra retrata conflito amoroso entre liberdade e estabilidade. Marina se identificou com a canção após ouvi-la em show conjunto, resultando na colaboração que une os universos musicais dos dois artistas em nova versão da música originalmente presente no disco de Rubel.

Marina Zabenzi/Divulgação



Divulgação



Antecipando o EP

A compositora Carlotã Marques lança o single “Quem Ama Sangra no Samba” tendo João Cavalcanti como intérprete. Criada em parceria com Paulo César Feital, a canção faz parte do EP previsto para este ano. Premiada em festivais nacionais, Carlotã já teve canções gravadas por Chico Buarque, Leila Pinheiro e Jorge Vercillo. O novo trabalho incluirá colaborações com Ângela Ro Ro e Paulo César Pinheiro. A música homenageia a força feminina no carnaval brasileiro, destacando as “Iyás” - termo iorubá para mãe - como figuras centrais da festa popular.

Redes sociais



Releitura ‘raimunda’

Os Raimundos relançam “Selim” em nova versão para celebrar os 30 anos do primeiro álbum. A faixa, produzida por Liminha e com vocais de Toni Garrido (foto), integra projeto comemorativo que busca conectar clássicos do rock brasileiro a novos ouvintes. A canção ganha sonoridade moderno mase abrir mão de sua irreverência original. O lançamento faz parte das celebrações do marco histórico da banda brasileira, considerada uma das maiores do país no hardcore brasileiro, ou melhor, do forrócore, uma mistura de punk rocke e repente que só uma banda brasileira poderia criar .

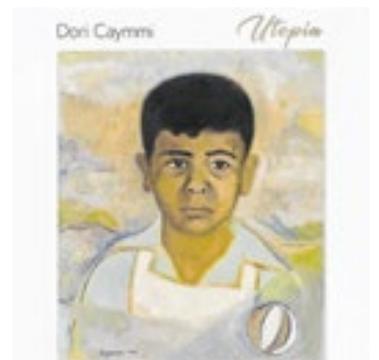
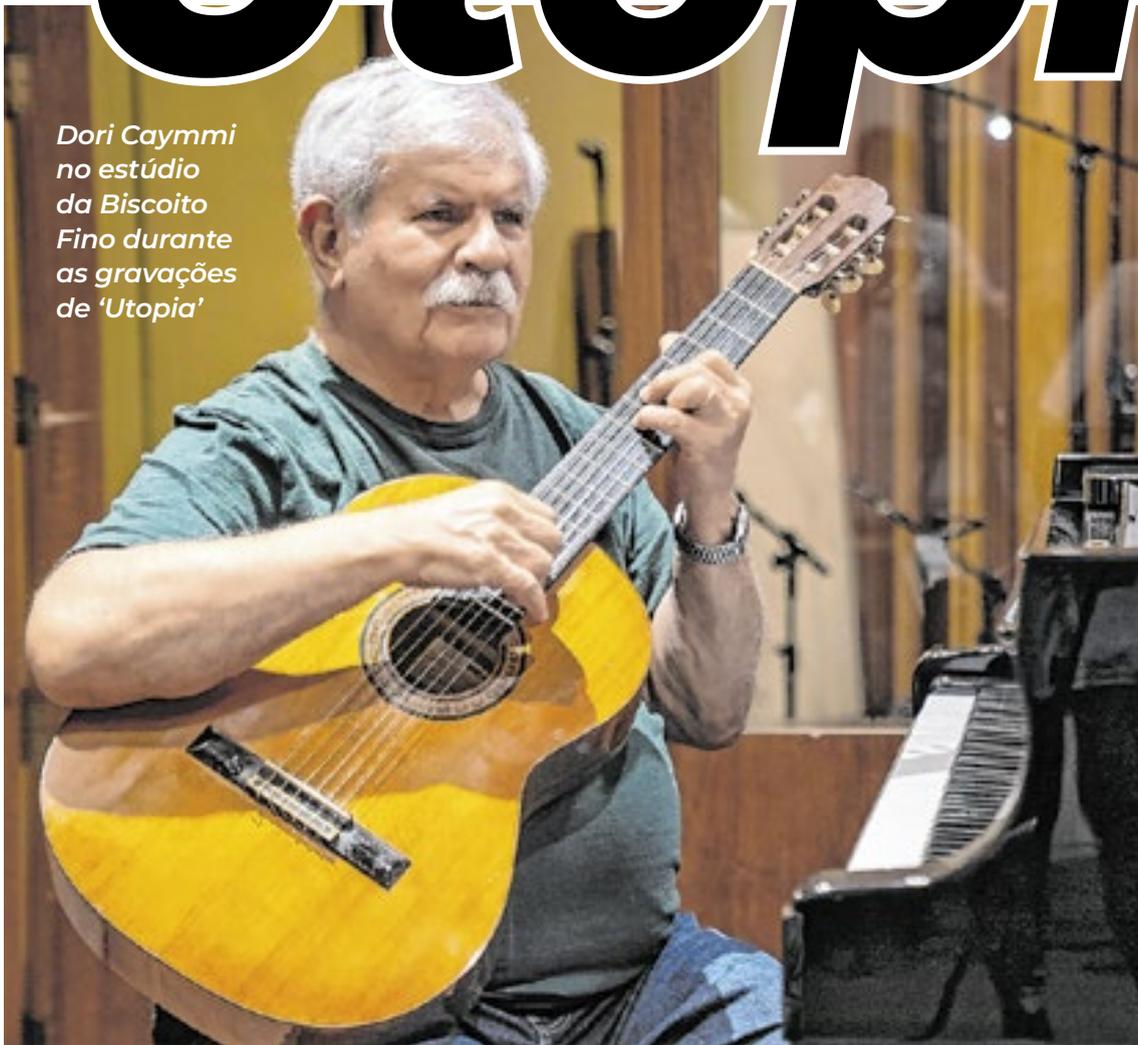
Contra enfermidades, vá de

‘Utopia’

Cantor e compositor lança álbum de inéditas em parceria com Paulo César Pinheiro e convidados especiais

Isabela Espindola/Divulgação

Dori Caymmi no estúdio da Biscoito Fino durante as gravações de ‘Utopia’



Capa do álbum reproduz retrato de Dori menino

Por Affonso Nunes

Aos 82 anos, completados exatamente nesta terça-feira (26), Dori Caymmi presenteou seu público com “Utopia”, seu novo álbum que chega às plataformas digitais carregado de simbolismo e melancolia. O trabalho, que sucede “Prosa e Papo” de 2024, reúne dez canções praticamente inéditas – apenas uma já havia sido gravada anteriormente – e representa mais um capítulo da parceria consolidada entre o compositor e o contrabaixista Jorge Helder na produção.

O experiente Dori é daqueles artistas que não se deixa levar pela pressa dos tempos modernos. “Toda vez que eu penso em um novo projeto, trabalho três, quatro meses nas músicas, defino quem eu vou convidar, e só depois que estou pronto, que está tudo feito, levo para o estúdio”, explica o compositor, reforçando sua vocação de artesanista sobre cada canção.

“Utopia” é uma bálsamo sonoro, é música de pura (e rara) qualidade, um trabalho que agrega, mas plavras de Dori, “generosos amigos, fabulosos artistas, que vieram cantar pra mim”.

Entre os convidados, destaca-se Ivan Lins, que além de coautor da inédita “Isabela”, participa da gravação da canção. Sergio Santos divide os vocais em “Pelos Mãos de Algum Poeta”, composição que

assina em parceria com Caymmi, enquanto Mônica Salmaso – com quem Dori já colaborou no álbum “Canto Sedutor” de 2022 – interpreta “O Nome da Moça”, parceria com Roberto Didio.

Os dois mais célebres quartetos vocais da nossa música – o Boca Livre e o MPB4 – participam das faixas “Búzios Azul” e “Ninho de Vespa”, respectivamente, ambas parcerias com Paulo César Pinheiro.

“Ninho de Vespa” é a única faixa previamente gravada do repertório, mas ressurgiu repaginada com outra abordagem, como explica Dori: “Quis regravar esse frevo com um formato mais pernambucano, em homenagem à música de

Recife, que eu adoro”.

A faixa “Viajeiro” ganha contornos corais especiais com a união de MPB4, Mônica Salmaso, Boca Livre e Sergio Santos nos vocais.

Um dos parceiros mais frequentes de Dori, Paulo César Pinheiro assina sete das dez canções de “Utopia” em parceria com Dori, que dedica o álbum ao “parceiro da vida inteira”. As composições “Sozinho de Nascimento”, “Navegação”, “Filete D’Água” e “Filigrana” completam o repertório em interpretações solo de Caymmi, revelando a intimidade e a maturidade de um artista que domina completamente seu ofício.

A capa do trabalho carrega

forte carga emocional ao reproduzir uma pintura do patriarca Dorival Caymmi retratando Dori ainda criança. “Quando eu olho esse retrato, pintado pelo meu pai, eu penso nas influências que comeci a receber dos compositores brasileiros, das músicas clássicas de autores como Ravel, Debussy e Bach que meu pai ouvia muito. Essas influências foram chegando na criança me tornando essa pessoa que sou hoje”, avalia Dori.

Além dos convidados, o time de músicos que gravou com Dori é imponente: Jurim Moreira (bateria), Itamar Assiere (piano), Paulo Aragão (violão), Iura Ranevsky e

João Bustamente (cellos), Cristiano Alves (clarinete), Dirceu Leite e José Carlos Bigorna (saxes e flautas), Neymar Dias (viola) e Lulinha Alencar (sanfona).

O título “Utopia” carrega o peso de uma reflexão melancólica sobre o momento atual da música brasileira. Dori Caymmi contextualiza sua escolha com a lucidez de quem atravessou décadas da música nacional: “Já tenho 82 anos de idade e faço uma música extremamente brasileira, baseada em todos os ensinamentos que eu tive. Compor e pensar num disco desse nível, neste momento em que a nossa música está bem enferma, padecendo de cuidados, é algo totalmente utópico. Por isso o disco chama-se Utopia”.

Provocado a explicar essa “enfermidade” da música brasileira, o artista vai além. “Quando digo que a música brasileira está enferma, acho até que foi pouco. O mundo está enfermo, cheio de pessoas desagradáveis... Muito Putin, muito Netanyahu, muito Satanás no Brasil também... muitas famílias divididas. Na verdade, o mundo está doente e a música acaba indo junto”, reflete.

'Doce²' se propõe a conduzir o público a uma jornada fragmentada através das múltiplas facetas da mente humana

Cia. KÀ de Teatro, de Curitiba, estreia no Rio com espetáculo de dança-teatro sobre descontrolo psíquico



Pelos labirintos da **mente humana**

A Cia. KÀ de Teatro, de Curitiba, desembarca no Rio de Janeiro com “Doce²”, uma imersão visceral nos territórios mais sombrios da psiquê humana. O espetáculo de dança-teatro, que fica em cartaz até 31 de agosto no Teatro Cacilda Becker, no Catete, explora com intensidade poética os estados de colapso emocional e a busca desesperada por alívio em meio ao caos interior.

Sob a direção de Kelvin Millarch, o coreógrafo e performer Caio Frankiu conduz o público por uma jornada fragmentada através de múltiplas facetas da mente humana. No palco, ele encarna personagens etéreos que funcionam como arquétipos emocionais: A Escuridão, A Primavera, A Euforia e A Tempestade, além de um psicólogo que se reconecta com sua infância e com a

figura mítica de Logun-Edé. Máscaras confeccionadas pelo próprio ator ajudam a materializar esses universos internos, criando uma atmosfera onírica que dialoga com elementos autobiográficos.

O elemento dramático central surge de cartas reais recebidas por um “amigo secreto”, que se transformam em combustível para a criação cênica. “As cartas criam atmosferas, as quais são base de pesquisa corporal para o desenvolvimento das cenas”, explica Millarch. “Nossa proposta é provocar reflexões sobre a fragilidade humana frente às próprias emoções e à pressão do mundo exterior, sem recorrer a narrativas lineares, mas sim a um fluxo poético de imagens e movimentos”, detalha.

A montagem evoluiu a partir do curta-metragem “Doce (desilusão)”, criado pela dupla em 2020, expandindo-se para uma

obra cênica mais complexa e sensorial. O espetáculo rejeita estruturas narrativas convencionais, optando por atravessar a instabilidade psíquica através de uma sucessão de imagens, movimentos e atmosferas que se conectam de forma intuitiva.

O reconhecimento crítico chegou rapidamente e “Doce²” conquistou os prêmios de Melhor Espetáculo e Melhor Técnica no Festival de Teatro de Pinhais, além de receber homenagem especial no Festival de Pontal, ambos no Paraná. A produção também teve a honra de abrir oficialmente o Festival de Teatro de Paranaguá.

Paralelamente às apresentações, a companhia oferece a Oficina de Imersão em dança-teatro, ministrada por Beatriz Marçal de sexta a domingo (29 a 31), 30 e 31 de agosto, com 30 vagas gratuitas por sessão. A atividade se destina a artistas,

estudantes e interessados nas artes cênicas, ampliando o diálogo da companhia com a comunidade artística carioca.

Fundada em 2019, a Cia. KÀ de Teatro deriva seu nome da concepção egípcia de força vital, um princípio que se aproxima da ideia de alma ou começo. O grupo tem se consolidado como uma força criativa que mescla linguagens em criações autorais, reafirmando a arte como ferramenta de transformação social e individual.

SERVIÇO

DOCE²

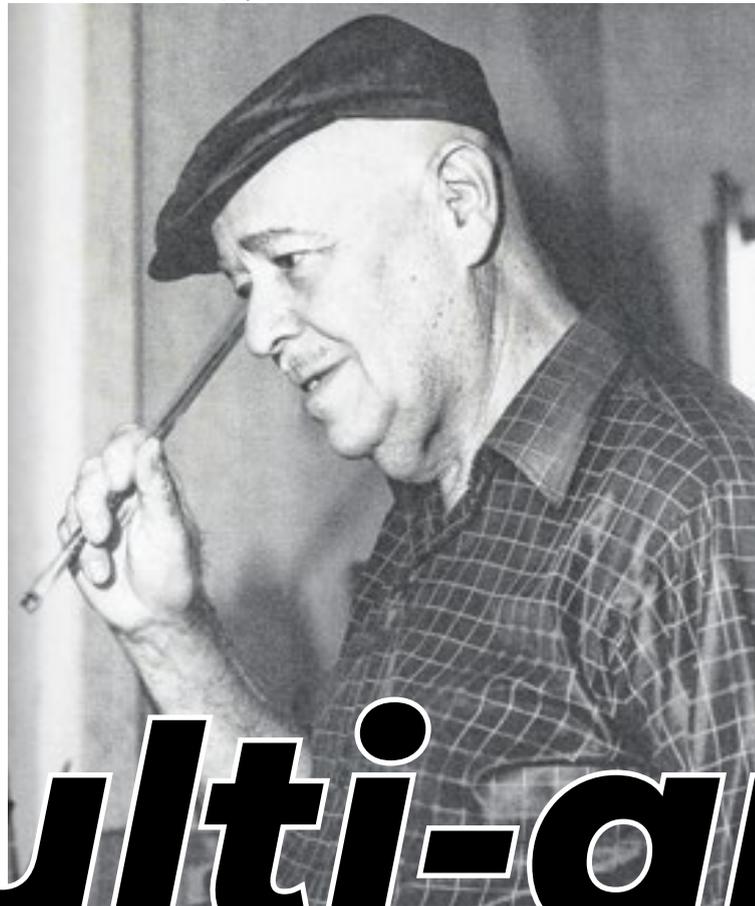
Teatro Cacilda Becker (Rua Álvaro Alvim, 20, Catete)

Até 31/8, quarta a sábado (19h) e domingo (18h)

Ingressos: R\$ 50, R\$ 25 (meia) e R\$ 20 (lista amiga. Contato no Instagram @ciakadeteatro)

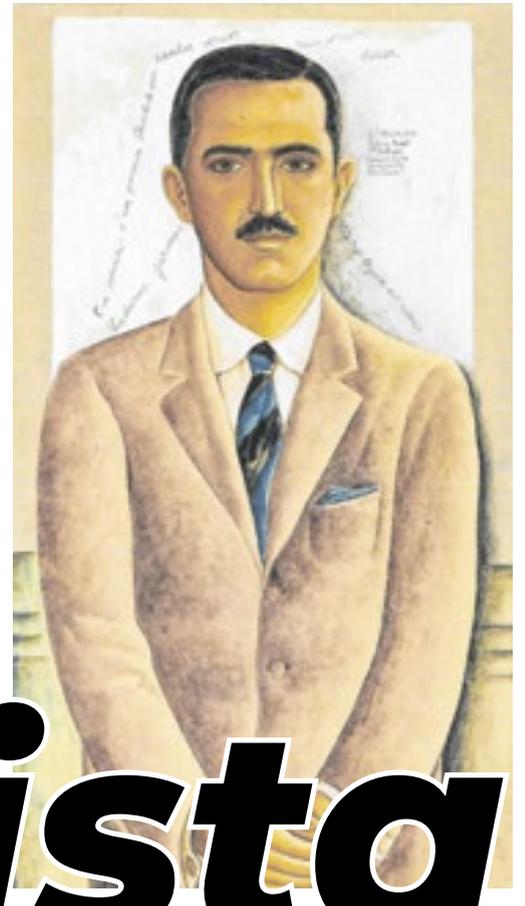
Danielian
Galeria
promove a
exposição
'Vicentes -
Monteiro: Entre
Recife e Paris
(1899-1970)'

Edmond Dansot/Divulgação



Vicente do
Rego Monteiro
foi um artista
contemporâneo
dos modernistas
Tarsila do Amaral
e Di Cavalcanti

Fotos: Divulgação



Retrato de
Edson Regis
(sem data)

Um multi-artista

desconhecido do grande público

Por André Seffrin

Especial para o Correio da Manhã

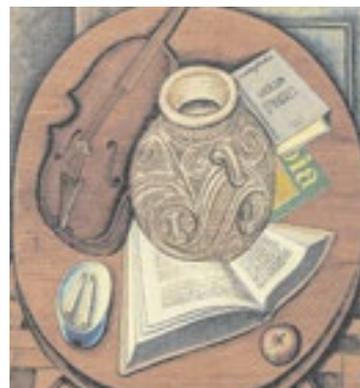
Na exposição “Vicentes – Monteiro: Entre Recife e Paris (1899–1970)”, que vai até 11 de outubro na Danielian Galeria com a curadoria de Paulo Bruscky, temos um resumo muito bem articulado da vida e obra de Vicente do Rego Monteiro, e já o título diz muito.

Vicentes. Assim mesmo, no plural. E é Bruscky, igualmente um multiartista, quem elenca o que esse pernambucano-parisiense foi além de “genial artista plástico”: “cenógrafo, fotógrafo, piloto de automóveis, fabricante de aguardente, dançarino, professor, funcionário público e cineasta”, sem esquecer de um “brilhante poeta/tipógrafo/tradutor tão desconhecido do público brasileiro”. Desconhecido como poeta e ainda pouco valorizado como grande pintor ao lado de Tarsila e Di Cavalcanti, entre outros que foram seus contemporâneos nas lutas modernistas antes e depois de 22.

Tarsila e Vicente chegaram a conviver na Paris dos anos 20. Com Di havia certa distância e também rivalidade, provocada, é claro, pelo pintor carioca e suas aleivosias. Sobre o casal Tarsila e Oswald é bom recordar, com Jorge Schwartz, um texto de Aracy Amaral publicado em O Estado de S. Paulo de 13 de junho de 1970, sobre uma revelação que tanto magoou Vicente: “Nesse único encontro relatei-lhe – passado tanto tempo, julgava, esquecendo-me da suscetibilidade própria dos artistas, que lhe pareceria uma curiosidade – a destruição de seu quadro Fim de combate, adquirido por Tarsila em Paris, na década de 20. Segundo depoimento da pintora, esse quadro foi alvo de superstições de Oswald, na épo-

ca do fim do casamento de ambos. Oswald de Andrade – talvez por temores de ameaças de crise – tinha nesse tempo um feitiço, Antenor, que vivia com ele na casa de Tarsila, na Rua Barão de Piracibá, a fim de prever fatos desagradáveis. Certo dia, Oswald, muito crédulo, ao ouvir de uma amiga da casa o comentário de que a tela ‘devia dar azar’ por seu assunto meio escabroso (um homem segurando a cabeça de outro, degolado, em cores intensas), sem nada dizer a Tarsila levou o quadro ao quintal, pondo-lhe fogo. Rego Monteiro, a quem narrei o fato como curiosidade, ficaria profundamente chocado com o feito de Oswald, tendo mesmo relatado a outros esse ato, que não deixava de ser atentado contra uma obra sua.”

Há cerca de quatro décadas, ouvi de Walmir Ayala essa história, ao me dizer da tristeza do pintor e de sua vontade de reconstituir obras perdidas, o que de fato parece ter em parte realizado. E para não cansar eventuais leitores, destaco aqui apenas a imagem esguia do poeta Edson Regis, nesta mostra um óleo sobre tela que evidencia a importância



Violon D'Ingres (1969)

dos retratos na obra de Vicente do Rego Monteiro. Como todas as pinturas, desenhos, objetos e impressos apresentados nesta seleção tão enxuta e exemplar, esse retrato, de grande impacto, guarda as características básicas do modus operandis deste que é um dos artistas mais importantes da arte brasileira. Em texto do mesmo modo enxuto e exemplar, Gênese de Andrade aprofunda essas características baseando-se, com muita acuidade crítica, na “representação de figuras humanas em obras de diferen-

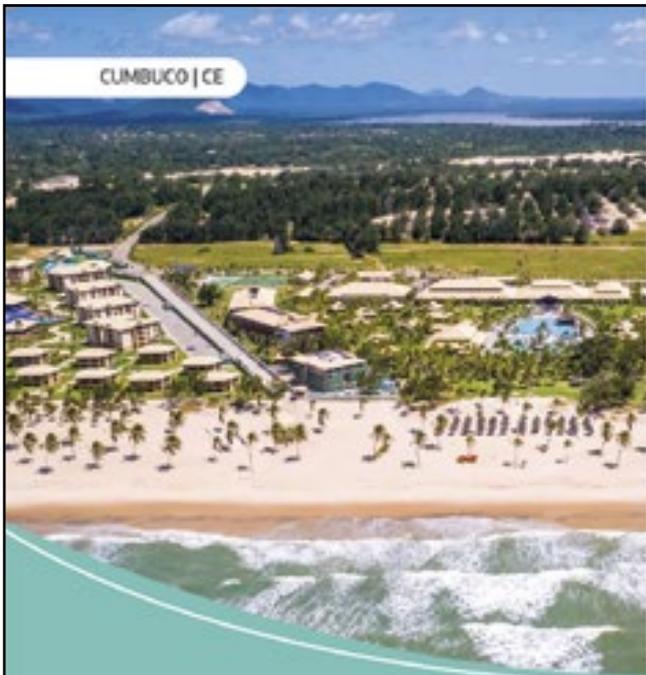
tes estilos, técnicas e suportes”, texto publicado com dois outros – de Bruscky e de Jorge Schwartz – no esplêndido catálogo que acompanha a exposição.

SERVIÇO

VICENTES - MONTEIRO: ENTRE RECIFE E PARIS
(1899-1970)

Danielian Galeria (Rua Major Rubens Vaz, 414, Gávea)
Até 11/10, de segunda a sexta-feira (11h às 19h) e sábados (11h às 17h)

Entrada franca



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos.
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!

